

ÚRSULA: A VILÃ SUBVERSIVA - GÊNERO, PODER E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM DE A PEQUENA SEREIA (1989)

Lucas Matheus Araújo Bicalho¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica da personagem Úrsula, do clássico filme *A Pequena Sereia* (1989), a partir das questões de gênero e representações culturais presentes na obra. Úrsula é uma vilã que, por meio de suas características físicas e psicológicas, desafia e subverte normas de gênero, poder e identidade femininas. A pesquisa examina como a Disney, ao criar essa personagem, reflete e ao mesmo tempo questiona as normas de comportamento feminino, o papel das mulheres no cinema infantil e as expectativas culturais de seu tempo. Ao analisar Úrsula como uma personagem que transita entre a marginalização e o empoderamento, buscamos refletir sobre as implicações dessa construção para as representações de gênero nas produções culturais contemporâneas e passadas.

Palavras-chave: Gênero; Patriarcado; Úrsula; Vilã; A Pequena Sereia.

ÚRSULA: LA VILLANA SUBVERSIVA - GENERO, PODER Y ESTEREOTIPOS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL PERSONAJE EN LA SIRENITA (1989)

RESUMEN

¹Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado em História - Licenciatura pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF), vinculado ao Departamento de Educação Física e do Desporto (DEFD) e ao PPGH. Também é membro do Centro de Memória do Esporte (CEMESP), também associado à Unimontes. Atualmente, pesquisa sobre a construção midiática de mulheres transgressoras na sociedade brasileira, com foco nas representações de gênero, patriarcado e cultura visual. E-mail: bicalholucas7@gmail.com.



Este artículo propone un análisis crítico del personaje Úrsula, de la película clásica *La Sirenita* (1989), a partir de las cuestiones de género y las representaciones culturales presentes en la obra. Úrsula es una villana que, a través de sus características físicas y psicológicas, desafía y subvierte las normas de género, poder e identidad femenina. La investigación examina cómo Disney, al crear este personaje, refleja y al mismo tiempo cuestiona las normas de comportamiento femenino, el papel de la mujer en el cine infantil y las expectativas culturales de su época. Al analizar a Úrsula como un personaje que se mueve entre la marginación y el empoderamiento, pretendemos reflexionar sobre las implicaciones de esta construcción para las representaciones de género en las producciones culturales contemporáneas y pasadas.

Palabras clave: Género; Patriarcado; Úrsula; Villana; *La Sirenita*.

INTRODUÇÃO

Úrsula, colocada no papel de vilã no filme *A Pequena Sereia* (1989), emerge como uma das personagens mais complexas da Disney, não por sua malícia, mas pela maneira como sua imagem subverte a representação tradicional das vilãs femininas. No filme, Ursula pode ser vista como uma crítica ou ampliação dos estereótipos relacionados ao poder feminino, especialmente ao considerar o contexto da época em que a obra foi produzida, ou seja, a década de 1980, um período marcado por intensos debates sobre os papéis de gênero na sociedade estadunidense. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar as implicações de sua construção enquanto vilã e explorar as possíveis leituras de sua personagem à luz dos estudos de gênero e da representação feminina na cultura popular.

Dentre as diversas vilãs femininas da Disney, escolhemos destacar Úrsula, personagem marcante no filme *A Pequena Sereia* (1989), pois sua realidade reflete desigualdades de gênero e sua exclusão do convívio na sociedade do fundo do mar. A personagem, devido a um exílio não explicado no longa-metragem, vive isolada nas profundezas escuras do oceano, simbolizando uma marginalização que reflete questões de poder e inclusão social. Assim, por esse motivo, decidimos em utilizar essa personagem para as discussões desse estudo.

Além disso, a escolha dessa animação infantil como um objeto de análise é justificada dado a importância destas enquanto produtos culturais que produzem e



constroem e desconstroem significados e sentidos, definido os espaços entrelaçados pelas relações sociais e, sobretudo de poder, onde faz-se emergir as “[...] lutas e contestações dos processos de significação produzidos pelo conhecimento hegemônico” (SABAT, 2003, p. 27).

À vista disso, conforme Henry Giroux (1995), esses produtos culturais têm, ao longo das gerações, gerado diversas formas de representações que legitimam imagens, identificações e desejos. Por meio dessas representações, os(as) espectadores constroem suas identidades e moldam suas dinâmicas sociais, em um processo que o autor denomina “pedagogia da inocência”.

Nesse sentido, a análise de Úrsula como personagem central em *A Pequena Sereia* (1989) revela-se relevante por diversas razões. Úrsula é uma figura feminina que rompe com a ordem convencional das vilãs em filmes infantis. Seus comportamentos exagerados e ações manipuladoras refletem uma representação de uma mulher poderosa, ao mesmo tempo em que é marginalizada pela sociedade do fundo do mar. Assim, ao abordar a figura de Úrsula sob a ótica das questões de gênero, examinamos como a Disney, ao longo de sua história, tem retratado as mulheres em suas produções e como essas representações impactam questões culturais e sociais. Dessa forma, a presente pesquisa busca não apenas compreender a construção dessa vilã, mas também promover uma reflexão sobre as implicações que essa personagem carrega em relação às percepções de poder e identidade feminina, tanto no contexto de sua criação quanto nas diversas interpretações contemporâneas.

Diante disso, a problematização dessa pesquisa, segue em compreender como a personagem Úrsula pode ser examinada a partir das abordagens e perspectivas de gênero, avaliando as normas e expectativas culturais do período em que foi produzida? Ademais, de que modo, a representação de Úrsula, como uma personagem feminina forte e manipuladora, desafia ou reforça os estereótipos de gênero presentes na cultura? E quais são as implicações dessa construção para o entendimento da identidade feminina, tanto no contexto do filme quanto no imaginário coletivo da sociedade.



Para alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica interpretativa e crítica, voltada para a análise da construção da personagem Úrsula e suas implicações para as percepções de gênero, poder e identidade feminina no imaginário coletivo. Nesse contexto, será utilizado o conceito de “tecnologia de gênero”, desenvolvido pela historiadora italiana Teresa de Lauretis (1994), além das contribuições dos estudos feministas, com destaque para as abordagens teóricas de Judith Butler (2008).

O cinema como uma “Tecnologia de gênero”: alguns apontamentos

Sob a ótica da feminista Teresa de Lauretis (1994), o conceito de “tecnologia de gênero” descreve o gênero não como uma categoria natural ou biológica, mas como uma construção social e cultural sustentada por práticas discursivas e simbólicas. Segundo a autora, o gênero é continuamente produzido e reforçado por meio de representações e comportamentos culturais presentes em diversos âmbitos da vida social, como o cinema, a literatura e, especialmente, a indústria midiática. O uso do termo “tecnologia” reflete a ideia de que o gênero não é fixo ou imutável, mas, ao contrário, constitui uma estrutura dinâmica que envolve a produção, regulação e manutenção de normas e identidades culturais (Lauretis, 1994).

Nessa perspectiva, as “tecnologias de gênero” se desenvolvem por meio de dispositivos culturais e simbólicos que moldam expectativas sobre o que significa ser homem ou mulher, estruturando comportamentos, aparências e papéis sociais. Essas tecnologias não apenas criam, mas também sustentam categorias de desigualdade de gênero, ao produzir e reproduzir imagens e discursos que naturalizam essas identidades (Lauretis, 1994). No entanto, a autora argumenta que essas tecnologias podem ser desconstruídas e ressignificadas, abrindo espaço para resistências às normas hegemônicas. Assim, o gênero funciona como um dispositivo regulador que restringe as possibilidades de expressão fora das normas



estabelecidas, mas que também contém brechas que permitem a emergência de novas criações e subjetividades.

À vista disso, um ponto central no conceito de Teresa de Lauretis (1994) é o papel da representação cultural, especialmente no cinema, na construção e legitimação das divisões e hierarquias de gênero. Nesse sentido, os discursos midiáticos e culturais atuam como ferramentas poderosas que constantemente reforçam essas categorias por meio de personagens e narrativas que, de alguma forma, naturalizam as divisões entre o masculino e o feminino, consolidando normas e expectativas associadas a essas identidades.

No caso de Úrsula, de *A Pequena Sereia* (1989), é possível observar uma complexa atuação da personagem dentro e fora das tecnologias de gênero. Úrsula subverte normas tradicionais ao incorporar características frequentemente associadas ao universo masculino, como autoridade, controle e ambição. No entanto, ela também mantém elementos estereotipados de feminilidade, mas de forma exagerada. Exemplo disso são sua maquiagem marcante, gestos teatralizados e corpo voluptuoso, que remetem a arquétipos de feminilidade hipersexualidade, frequentemente vinculados à imagem da *femme fatale* (tradução: mulher fatal). Esses elementos a posicionam, de maneira ambígua, no limite entre a transgressão e a reafirmação dos papéis tradicionais de gênero (Louro, 2004).

Além disso, a personagem é inspirada em figuras como a drag queen Divine, o que a faz incorporar características de performatividade que desestabilizam as normas de gênero estabelecidas. Ao mesmo tempo, ela reforça estereótipos negativos associados à vilania feminina, como a manipulação e o uso da sexualidade do corpo para alcançar seus objetivos, aspectos frequentemente atribuídos a mulheres consideradas “perigosas” ou “ameaçadoras” no imaginário social (Santos; Piasse, 2017).



Nesse sentido, Úrsula se torna um exemplo de como as tecnologias de gênero não apenas criam e definem identidades de gênero, mas também exploram suas contradições e limites. Ela reflete a tensão entre a subversão e a manutenção das normas de gênero, mostrando que, embora as representações de gênero possam ser desafiadas e reinterpretadas, elas também estão imersas em um campo simbólico que frequentemente reforça os estereótipos e as hierarquias de poder (Bicalho *et. al*, 2023). Dessa forma, a personagem exemplifica como a mídia pode tanto questionar quanto consolidar os discursos e as divisões entre o masculino e o feminino.

Úrsula: a vilã que transgride as fronteiras de gênero

O filme *A Pequena Sereia*, lançado em 1989 pela Disney, é narrado a partir da trajetória de sua protagonista, Ariel, uma jovem sereia. A história se inicia com sua busca pela tão desejada independência. Aos 16 anos, Ariel sonha em se emancipar das rígidas regras impostas por seu pai, Tritão, o rei dos sete mares, e alcançar a condição de adulta. Nesse contexto, sua vontade de independência é simbolizada pelo desejo de adquirir pernas (um objeto modal de poder), bem como pelo anseio de conhecer os objetos e costumes dos humanos (um objeto modal de saber) (Santos; Piassi, 2017). Tais elementos seriam, para ela, a chave para ingressar no mundo dos homens.

Contudo, ao conhecer o príncipe Eric, seu desejado "par romântico", é possível perceber que seus anseios por autonomia e uma vivência humana começam a se cristalizar no papel social de esposa. Essa transformação revela um engajamento da narrativa em uma visão moralizante, que legitima uma imagem conservadora e profundamente marcada pela feminilidade (Santos; Piassi, 2017). Nesse sentido, a busca por casamento heterossexual é apresentada como um desejo universal para as mulheres, reforçando um modelo tradicional de realização e felicidade.

Mais adiante, somos apresentados ao arco narrativo da antagonista, Úrsula, cujo enredo gira em torno de seu grande desejo: o poder. Para alcançar seu



objetivo, ela busca a coroa e o tridente, símbolos de autoridade que pertencem ao rei Tritão. Nesse contexto, a vilã, com sua aparência de polvo, orquestra uma série de ações para impedir que Ariel conquiste o amor do príncipe Eric. O objetivo de Úrsula é controlar a sereia, subjugando-a, e assim conquistar o trono para si, tornando-se a rainha dos sete mares.

Assim, conforme analisado por Santos e Piassi (2017), ao longo da trama, observa-se que Úrsula personifica um complexo de perigo à heteronormatividade, funcionando como um obstáculo à felicidade de Ariel e Eric. No entanto, Úrsula não se opõe apenas à união heterossexual tradicional, mas também encarna uma postura crítica em relação às categorias de gênero, desafiando a divisão binária e as normas associadas a ela.

Para ilustrar essa questão, podemos tomar como exemplo a música *Pobres Almas Infelizes*, interpretada por Úrsula enquanto tenta convencer a jovem sereia Ariel a assinar um contrato que lhe custaria a voz em troca de pernas. Durante a performance e os movimentos da vilã, é possível perceber a construção de um espetáculo de estilo drag, pois Úrsula ensina Ariel as "performances" esperadas de uma mulher. Ou seja, ela incita a feminilidade que é imposta pela ordem do universo masculino, que é, por sua vez, branco e burguês (Sells, 1995). Na canção é apresentado ensinamentos de como ser uma "boa mulher", observa-se:

[Úrsula]: Terá sua aparência, seu belo rosto
E não subestime a importância da
Linguagem do corpo, hah
O homem abomina tagarelas
Garota caladinha ele adora
Se a mulher ficar falando, o dia inteiro fofocando
O homem se zanga, diz adeus e vai embora, não
Não vá querer jogar conversa fora
Que os homens fazem tudo pra evitar
Sabe quem é mais querida? É a garota retraída
E só as bem quietinhas vão casar
[...] Você, que é tão infeliz



Não vai ser mais... (Disney, 1989).

A partir da música, observa-se como Úrsula orienta Ariel, sugerindo que a voz é um mecanismo pelo qual o indivíduo pode se tornar um sujeito de discurso, ou seja, pode se afirmar e se expressar, em vez de ser simplesmente falado. Essa questão está diretamente ligada à idealização do ser feminino pela ordem patriarcal, que se baseia na linguagem corporal e, sobretudo, na aparência do corpo da mulher (Santos; Piassi, 2017). Nesse sentido, a transformação de Ariel, ao conquistar pernas, simboliza sua entrada no universo humano e a aceitação dos padrões de beleza impostos pela sociedade, mesmo que, para isso, ela tenha que pagar o preço da mutilação de seu próprio corpo (SANTOS; Piassi, 2017).

Nesse contexto, ao analisarmos a música *Pobres Almas Infelizes* de Úrsula, podemos perceber como ela personifica esse processo de construção performática da feminilidade. A vilã, ao ensinar Ariel a se conformar aos padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade patriarcal, ilustra como as normas de gênero são profundamente enraizadas em gestos, atuações e convenções sociais, tal como Joan Scott (2019) descreve. O espetáculo de Úrsula reflete um show que não apenas reforça a feminilidade como uma categoria rígida e imutável, mas também reflete as normas históricas e sociais que estruturam a forma como a sociedade espera que as mulheres se comportem, se apresentem e se identifiquem.

Assim, a transformação de Ariel, ao renunciar a sua voz e, conseqüentemente, ganhar pernas, exemplifica a imposição dos padrões de gênero dominantes. A voz, enquanto expressão de subjetividade e poder, é retirada de Ariel, simbolizando a perda de sua agência sobre sua própria identidade. Esse processo reflete o que Scott (2019) descreve como a imposição de um modelo de gênero fixo e naturalizado. Ao aceitar as normas de comportamento e aparência humanas, Ariel renuncia à sua essência e aos limites de sua identidade, passando a se encaixar em um padrão que reflete um modelo patriarcal de feminilidade.

Nesse contexto, ao analisarmos a música *Pobres Almas Infelizes* de Úrsula, podemos perceber como ela personifica esse processo de construção performática



da feminilidade. A vilã, ao ensinar Ariel a se conformar aos padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade patriarcal, ilustra como as normas de gênero são profundamente enraizadas em gestos, atuações e convenções sociais, tal como Scott descreve. O espetáculo de Úrsula reflete um "show" que não apenas reforça a feminilidade como uma categoria rígida e imutável, mas também reflete as normas históricas e sociais que estruturam a forma como a sociedade espera que as mulheres se comportem, se apresentem e se identifiquem.

Com isso, a mudança de Ariel ao renunciar a sua voz e ganhar pernas, é um reflexo real da imposição dos padrões de gênero dominantes. Logo, a voz, enquanto expressão de subjetividade e poder de fala, é removida de Ariel, simbolizando a perda da sua própria identidade, algo que se alinha com o que Scott (2019) aponta como a imposição de um modelo de gênero fixo e naturalizado. Ao adotar os códigos de comportamento e aparência humana para ser aceita no mundo dos homens, Ariel não apenas renuncia à sua natureza, mas também aos limites de sua identidade de gênero, passando a se encaixar em uma norma que reflete um modelo patriarcal de feminilidade. Nesse sentido, toma-se a exemplo cena do filme que apresentam tais discussões:



Figura 1 - Estética da Ariel e Úrsula



Fonte: Captura de tela do filme *A Pequena Sereia* (1989)

Observamos que o espetáculo artístico de gênero considerado “desviante” de Úrsula foi inspirado nas performances de drag queens. Nesse contexto, conforme Putnam (2013), o diretor de *A Pequena Sereia*, Rubens Aquino, mencionou em uma entrevista que a figura de Úrsula teve como referência a imagem da drag queen Divine, interpretada pelo estadunidense Glen Milstead. Divine foi a drag queen mais reconhecida da década de 1980, notável por suas performances teatrais e estilo exagerado e considerado obsceno, o que a tornava hipersexualizada (Santos; Piasse, 2017). Dessa forma, ao fazer essa comparação, percebemos que a figura

de Úrsula foi construída com base na imagem e na atuação de Divine nos palcos, caracterizada por uma performance extravagante e marcante.

Diante do exposto, é possível notar que a personagem Úrsula ultrapassa os limites do binarismo imposto pelo sistema, conforme apontado por Santos e Piasse (2017). Assim, sua posição desafiadora reflete-se em sua condição de exilada do reino governado pelo rei Tritão. Nessa sociedade, vigorava um sistema patriarcal heteronormativo tradicional, baseado na dicotomia masculino/feminino, em que as transgressões dos papéis de gênero, como a contestação e a pseudonímia da jovem Ariel, são apresentadas como exceções que devem ser punidas (Santos; Piasse, 2017). Já a personagem Úrsula desafia todo esse sistema patriarcal, desestabilizando radicalmente as categorias que o sustentam e a estrutura sociocultural do reino subaquático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem Úrsula em *A Pequena Sereia* (1989) revela as camadas da construção feminina no cinema infantil, especialmente no contexto dos debates de gênero da década de 1980. Nesse sentido, ao subverter os estereótipos tradicionais das vilãs femininas, Úrsula desafia as normas de poder e as expectativas de feminilidade impostas pela sociedade patriarcal, que submete as mulheres, relegando-as a um papel de docilidade, passividade, fragilidade, esposa e mãe. Assim, a vilã incorpora uma performance exagerada de feminilidade, associando sua estética à imagem da *femme fatale* (mulher fatal) e, com isso, transgride as normas de gênero, aproximando-se da performatividade drag dos anos 1980.

Ao mesmo tempo, Úrsula revela as contradições nas representações culturais, funcionando como uma crítica às rígidas expectativas de gênero e à normatividade heterossexual. Isso se manifesta em sua manipulação e desejo de poder, que estão intimamente ligados ao uso estratégico de sua sexualidade para atingir seus objetivos, subvertendo a narrativa convencional que reforça os



estereótipos da vilania feminina. Assim, ao incitar a jovem sereia Ariel a se conformar aos padrões de beleza e aos comportamentos impostos pelo sistema patriarcal, Úrsula expõe as tensões entre as múltiplas facetas da feminilidade e os papéis de gênero tradicionais, evidenciando a complexidade das representações de poder e identidade na animação infantil e sua influência nas gerações subsequentes.

REFERÊNCIAS

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Souza; MARQUIOLI, Stefany Reis; VIEIRA, Guilherme Carvalho; COSTA, Daniely Santos Ramos. A “SOLTEIRONA” NA SÉRIE BRIDGERTON DA NETFLIX: subversão e reinvenção de estereótipos no contexto social do século XIX. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 13, n. 33, 1 Dez 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/24920>. Acesso em: 25 nov 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DISNEY. A pequena sereia. Direção: Ron Clements, John Musker. Produção: Howard Ashman, John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. 1 filme (83 min). Formato: Animação.

GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Org.). **Territórios Contestados**: os currículos e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 49-81.

LAURETIS, T. A Tecnologia do gênero. *In*: HOLANDA, H. B. (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SABAT, R. F. R. **Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.



SANTOS, Caynnã de Camargo; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. Para assistir aos vilões Disney: abjeção e heteronormatividade em “A Pequena Sereia”. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 163–180, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/27440>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 49-80p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 49-80p.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

SANTOS, Caynnã de Camargo; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. Para assistir aos vilões Disney: abjeção e heteronormatividade em “A Pequena Sereia”. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 163–180, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/27440>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PUTNAM, A. Mean ladies: transgendered villains in disney films. *In*: CHEU, J. (Org.). **Diversity in Disney films**: critical essays on race, ethnicity, gender, sexuality and disability. North Carolina: McFarland & Company Publishers, 2013. p. 147-162.

